



A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES E DO FEMINISMO NAS CAPAS DA REVISTA TPM NOS ANOS DE 2005, 2010 E 2015

THE REPRESENTATION OF WOMEN AND FEMINISM ON THE COVERS OF TPM MAGAZINE IN 2005, 2010 AND 2015

Marco Antônio Gehlen

Doutor em Comunicação, graduado em Jornalismo, é professor e pesquisador da UFMA de Imperatriz. E-mail: marco.gehlen@ufma.br.

Wanessa Silva

Graduada em Jornalismo pela UFMA E-mail: wanessa18oliveira@gmail.com.

RESUMO

A pesquisa estudou a representação de mulheres e do feminismo nas capas da revista TPM, no período de janeiro a dezembro dos anos de 2005, 2010 e 2015, totalizando 36 meses e 48 edições. A análise de conteúdo categorizou manchetes, chamadas, fotografias, cenários e temas/pautas, bem como mensagens implícitas e significados no contexto de cada ano, comparando os períodos quanto à representação da temática veiculada. Interpretar como a mulher foi vista no veículo oportunizou comparações da representação feminina de mulheres e do feminismo. O estudo apontou que a revista, com o passar dos anos, reduziu o destaque a conteúdos relacionados a temáticas do feminismo.



Palavras-chave: Jornalismo; Revista; Mulher; Representação; Feminismo.

ABSTRACT

The research studied the representation of women and feminism on the covers of TPM magazine, from January to December in 2005, 2010 and 2015, totaling 36 months and 48 editions. Content analysis categorized headlines, headlines, photographs, scenarios and themes/agendas, as well as implicit messages and meanings in the context of each year, comparing the periods in terms of the representation of the theme conveyed. Interpreting how women were seen in the vehicle provided opportunities for comparisons of the female representation of women and feminism. The study pointed out that the magazine, over the years, reduced the emphasis on content related to feminist themes.

Keywords: Journalism; Magazine; Woman; Representation; Feminism.

Recebido em: 24/05/2024 e aprovado em: 23/06/2024

INTRODUÇÃO

A história mostra, ao longo da vivência das mulheres, diferentes fases. A mulher viveu momentos em que não administrava seus próprios bens e não tinha direito à herança, seu conhecimento não era voltado ao trabalho remunerado, no entanto, precisava desenvolver habilidades “atraentes”: recitar poesias, tocar instrumentos musicais, dançar e falar de forma meiga e gentil, “atributos” com o objetivo de conquistar um marido, para ser aceita na sociedade e desenvolver o papel de “esposa de alguém”. Todas essas questões com o tempo desenvolveram nas mulheres sentimentos de inquietação, visto que, os indivíduos e a sociedade possuem uma dependência do trabalho doméstico, das atividades e dos cuidados realizados pelas mulheres, mas não lhes atribui nenhum valor (ZIRBEL, Ilze, p. 5, 2021). Para Fraise, Offen, Apud Zirbel.

No século XIX, a exploração e controle da vida, das atividades e da sexualidade das mulheres veio a ser a regra, mantida pelos recursos religiosos, filosóficos, econômicos e políticos da Europa no século XIX. A indignação das mulheres aumentou e a ideia de “feminismo” como uma luta de mulheres contra



injustiças e por melhorias das condições de vida foi se impondo (FRAISSE, 1989; OFFEN, 1988, p.10).

As mulheres até a atualidade vivenciaram quatro ondas do movimento feminista, atividade que nasce em um contexto mundial. A primeira onda originou-se pela luta das mulheres em razão do direito de votar, para participarem da sociedade pelo viés político e da consolidação das leis em virtude de as mulheres estarem excluídas do contexto social em que viviam. A segunda onda ocorreu após as duas guerras mundiais, tendo em vista que as mulheres ocuparam papéis anteriormente dos homens, pelo fato da maioria deles ou estarem na guerra ou terem morrido vitimados por ela. Nesse sentido, a luta no movimento feminista conquistou direitos por meio destas primeiras ondas, dentre eles, o direito de a mulher votar.

A terceira onda, a geração de jovens mulheres estavam vivenciando as conquistas do feminismo, o direito a exercer o mercado de trabalho e as profissões anteriormente ocupadas somente por homens ZIRBEL Ilze (2021). No entanto, o sexismo fortemente evidente na sociedade mostrou-se um dos motivos para a terceira onda se fortalecer em face à luta contra a ideia de que o sexo masculino seria superior ao feminino, no que diz respeito a salários desiguais e tratamento de inferioridade contra a mulher; diante disto, elas conquistaram mais espaços, porém continuaram sendo vistas como o sexo inferior. WALKER, Rebecca, (1992).

A quarta onda, segundo a pesquisadora Marlise Matos (2010, p. 69), foi uma movimentação, diferentemente das fases anteriores do feminismo, pois foi tipicamente brasileira, latino-americana, e impulsionada pela internet e as redes sociais. O Brasil não teve uma manifestação considerável nas ondas anteriores, de forma repressiva militantes feministas brasileiras foram suprimidas pela quantidade de tempo que durou a escravidão, pela ditadura militar e pelo AI-5. Situações como machismo e misoginia não eram incomuns na realidade do país.

Além disso, a quarta onda teve sua expressividade em razão dos veículos de comunicação online, a internet proporcionou a condição de facilitadora para que as mulheres pronunciassem suas ideias feministas. Isto posto, mostra que o Brasil rompeu a barreira dos conflitos políticos como uma expressão da democracia, as mulheres articularam suas ideologias em busca de conquistar seu espaço no mercado de trabalho, dignidade, respeito e voz para afirmar pensamentos anteriormente silenciados.

Com base no contexto da Quarta Onda do feminismo, esta pesquisa encontrou argumentos para se fundamentar, em face dos veículos de comunicação, nos modelos



presenciais e on-line. A liberdade de se expressar nas redes sociais serviu de ferramentas para muitas mulheres darem sua opinião e compartilhar a força que o feminismo representa. Sendo assim, este estudo investiga a comunicação realizada por meio das revistas, visto que a proposta ocorreu pela análise das capas da revista TPM ao longo dos anos de 2005, 2010 e 2015 observando a representação das mulheres e do feminismo.

A Revista TPM se anuncia com uma proposta diferenciada de revista feminina, voltada para um público composto por mulheres modernas, independentes, que buscam satisfação com a sua vida e o seu trabalho, e não exclusivamente dentro de um relacionamento, que não procuram seguir o que é imposto pela moda e não sucumbem aos padrões de beleza. (MANDAJI, SOUZA, TERHAAG, 2016, p. 109).

Escrever sobre mulheres no legado do feminismo mostra-se uma ação de grande responsabilidade, pois os assuntos são tratados nas matérias de forma reflexiva. Ademais, encontrar equilíbrio para discorrer sobre as diferentes possibilidades e desafios que as mulheres vivenciam tornaram as revistas feministas uma referência. A revista TPM se mostrou aguerrida neste propósito pois ao ser analisada suas capas nos anos de 2005/2010/2015, fica claro o empenho da TPM para produzir as pautas com respeito às conquistas realizadas pelas mulheres. Para Mandaji, Souza e Terhaag.

(...) através das representações de gênero, definem-se valores e modelos de um corpo sexuado em função dos paradigmas físicos, morais e mentais cujas associações tendem a criar a “verdadeira mulher”, expressa nas “milimétricas” diferenças entre as revistas femininas existentes que funcionam, sobretudo, como fontes reafirmadoras de uma suposta “identidade feminina”. (MANDAJI, SOUZA E TERHAAG, 2016, p.74.)

Este estudo confirma que as revistas que seguem uma linha trivial possuem uma forte tendência para esperar das mulheres atitudes em face do patriarcado e em busca da aceitação social. A quebra destes paradigmas são conteúdos que as insiram nas discussões sociais e políticas, e no protagonismo da própria história.

1.1 Contextualização do tema



O presente estudo teve como propósito uma análise comparativa em razão da representação de mulheres e o feminismo. A revista TPM possui um importante papel na escolha desta temática, visto que esta pesquisa busca estudar as capas da revista nos respectivos anos de 2005, 2010 e 2015, observando as abordagens implícitas nos textos nas capas, nas fotografias e as mensagens que estão subentendidas voltadas à sociedade por meio de um olhar feminista.

A motivação deste estudo em analisar as capas da revista TPM, se dá em razão da essência dos conteúdos abordados nas matérias e da forma no qual assuntos referentes à mulher são trabalhados, de modo que a TPM enfatiza o feminismo e como as mulheres evidenciam esse movimento que ao longo do tempo possui razões para discutir embates políticos e sociais relacionados a direitos iguais entre homens e mulheres.

O processo de pesquisa utilizado ocorreu de forma periódica, dos anos de 2005, 2010 e 2015, ou seja, intervalos temporais significativos. A revista nessas fases de tempo evidenciou o papel das mulheres por meio da demonstração em suas capas, utilizando a imagem de mulheres com representatividade, mulheres já conhecidas pela mídia ou mulheres anônimas, todas com um papel em comum, desconstruir o mito da mulher que espera: aceitação, amor e casamento, para uma mulher consciente de suas origens, que mesmo assim busca dignidade, respeito, trabalho e direitos iguais entre os gêneros. Para Saringer, Cunha, Gonzalez e Grohmann.

A revista TPM nasceu em maio de 2001 como a versão feminina da revista Trip (TPM é sigla de “Trip para mulheres”), que existe desde 1986, publicada pela editora homônima. Com seções e temáticas adaptadas da publicação masculina, a feminina se destaca por tratar temas socialmente mais relevantes que a esmagadora maioria das publicações voltadas ao gênero. Enquanto editorias de moda e beleza aparecem em peso nas páginas dos outros veículos femininos, debates como aborto, racismo, masturbação e poligamia ocuparam a capa da TPM nos últimos doze meses. (SARINGER, CUNHA, GONZALEZ & GROHMANN, 2015, p. 09)

A TPM abraçou assuntos polêmicos, mas relevantes, considerados como tabus. Trabalhar conteúdos que mencionam, por exemplo, aborto, preconceito racial, assédio sexual e moral vivido pelas mulheres trouxe uma responsabilidade social para a revista. Uma questão



a ser mencionada trata-se do público-alvo de leitoras dessa revista, o propósito seria que todas as classes sociais tivessem acesso e interesse sobre conteúdo dessa expressividade.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo compreender a representatividade das mulheres e do feminismo nas capas da revista TPM por meio das análises das edições de 2005, 2010 e 2015.

2. JORNALISMO DE REVISTA FEMININA

2.1 História da revista TPM

A revista TPM originária da TRIP Editora, teve seu lançamento em maio de 2001, traz inovações sobre as revistas femininas, com publicações que vão além de temas como: beleza, ginástica, sexo e amor, que rotulam a mulher ser objeto de aprovação cujo resultado é a beleza perfeita e o casamento perfeito. Ela conseguiu expressar que a mulher vai além das expectativas do outro, ela tem seus próprios anseios, sua própria história com suas limitações: física, intelectual, oportunidade e social.

Além disso, a revista TPM busca enfatizar a identidade da mulher, suas lutas e suas conquistas ao longo do tempo, o discurso que a revista utiliza não é um discurso homogêneo, a abordagem heterogênea é caracterizada pelo propósito de mostrar a diversidade na vida da mulher. A busca da revista TPM é expressar a história da mulher na sociedade.

Dessa forma, infere-se que a TPM adota como linha editorial temas direcionados a uma mulher menos consumidora de cosméticos, que possui conteúdo além de beleza e maquiagem. A revista projeta uma mulher moderna, cujas preocupações vão além dos relacionamentos como fonte de satisfação e realização, mas que dá importância aos valores profissionais, ao seu aperfeiçoamento pessoal e outros assuntos. (MANDAJI, SOUZA, TERHAAG, 2016, p. 103)

Em sua tiragem inicial de 80 mil exemplares, a revista TPM realiza seu objetivo de ser um diferencial no mercado de revista feminino, em abordar temas polêmicos que tem a ver com o profissionalismo da mulher, suas conquistas e a busca da mulher em quebrar os paradigmas de enquadramento da sociedade para o modelo de perfeição, que na maioria das vezes são incompatíveis com a realidade de cada mulher. De uma forma mais profunda, a editora TRIP constrói seu conteúdo por meio do perfil de seus leitores, para TRIP, 2013.



A TPM mostra como as mulheres brasileiras contemporâneas estão vivendo todo o seu potencial, com prazer, leveza, inteligência e muita diversão. Uma revista que mexeu com os padrões da mídia feminina no Brasil. Com um projeto editorial que combina reportagem, design gráfico inovador, criatividade e um conhecimento profundo do universo das mulheres independentes, TPM se tornou a publicação feminina com o maior número de indicações ao Prêmio Esso de Jornalismo, o mais respeitado do país. (EDITORA TRIP, 2013).

A TRIP em suas pautas enfatizou situações vividas pelas mulheres: serem felizes com sua imagem, não deixarem a indústria da moda ditar as regras do que aceitável ou não, a busca pelo espaço no mercado e consolidar carreira profissional de sucesso, ser mãe independente do estado civil, ver o trabalho como crescimento pessoal e como forma de evoluir a sociedade para um lugar de menos desigualdade.

A revista TRIP, passou por adaptações, suas tiragens em 2013 se adequaram a quantidade de leitores que eram especificamente mulheres, com 50 mil exemplares, diminuindo 37,5% no início da empresa, em razão da especificidade de seu público. Predominantemente 92% eram mulheres, deste quantitativo 60% entre 26 e 35 anos. Uma curiosidade interessante é que 88% dos leitores possuem formação superior. (EDITORA TRIP, 2013).

Ao longo de sua história, a revista aborda temas polêmicos que configuram o propósito a que se dispõe, no entanto, por fazer parte de uma sociedade cheia de vícios e patriarcado, enfrenta desafios para abordar estes assuntos e não confrontar por medidas de civilidade os temas de forma agressiva e escancarada, resta saber se o eufemismo utilizado realmente consegue chegar ao objetivo disposto pela revista.

No tocante as leitoras, e de acordo com as pesquisas realizadas pela revista, as mulheres com formação superior são o público em sua maioria. Isso mostra uma realidade conflitante, pois as mazelas abordadas pela revista em uma porcentagem considerável são vivenciadas por mulheres menos esclarecidas em situações de vulnerabilidade social e estado de pobreza, que representa um quantitativo de grande parte da sociedade feminina. Para Saringer, Cunha Gonzales, Grohmann.

Com seções e temáticas adaptadas da publicação masculina, a feminina se destaca por tratar de temas socialmente mais relevantes que a esmagadora maioria das publicações voltadas ao gênero. Enquanto editorias



de moda e beleza aparecem em peso nas páginas dos outros veículos femininos, debates como aborto, racismo, masturbação e poligamia ocuparam a capa da TPM nos últimos doze meses. (SARINGER, CUNHA, GONZALEZ, GROHMANN, 2015, p. 09).

Diante do fato das mulheres vivenciarem julgamentos e apontamentos relacionados a sua postura e conduta é traçado para ela um perfil. A revista TPM quebra este perfil que diz respeito a própria ruptura que mulher faz ao se empoderar da sua vida, conquistas que para os homens são simples como escolher a quantidade de filhos, a companheira e a profissão, para as mulheres são feitos memoráveis, sendo que elas são protagonistas de superação em face da própria estrutura da mulher, trabalhar grávida, separações, mãe solo, assédio moral e sexual, a ditadura da idade, entre outros desafios que as mulheres enfrentam cotidianamente.

A revista TPM possui o papel de escrever assuntos que são relevantes a mulher quando se trata de feminismo, tendo em vista que o interesse dos conteúdos vai além de pautas consideradas pertinentes ao feminino da mulher, por exemplo, casa, amor e beleza. A TPM se aprofunda em matérias que abordam questões políticas relacionadas aos direitos que as mulheres almejam conquistar, enfatizam que o feminismo não tem a intenção de impor domínio sobre o homem ou patriarcado, mas deseja que os direitos de homens e mulheres sejam vistos de forma igual. Diante disso, a TPM aprende com a mulher, com as vivências e dificuldades que as mulheres enfrentam, que a partir disso nasce a necessidade do feminismo se evidenciar.

As feministas destacam que a opressão de gênero, de etnia e de classe social perpassa as mais variadas sociedades ao longo dos tempos. Esta forma de opressão sustenta práticas discriminatórias, tais como o racismo, o classismo, a exclusão de grupos de homossexuais e de outros grupos minoritários (Negrão, Prá, & Toledo apud. Narvaz, & Koller, 2006, p.648).

A revista TPM defende os direitos das mulheres e as causas feministas. Na comemoração de 15 anos, a revista celebrou o universo feminino e aborda discussões relevantes sobre a mulher no Brasil. Foram reunidas temáticas sobre envelhecimento, política, sexo, beleza, corpo, moda, aborto, saúde, dinheiro, maternidade, relacionamento e cultura, e outros assuntos. E no especial diz: “lugar de mulher é onde ela quiser. Onde você quiser”. Logo, é importante o papel da TPM para assuntos que dão voz e apoio para as mulheres, que faz o leitor refletir sobre a sociedade em que está vivendo.



3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa das capas da revista foi por meio do site da revista TPM e no Pinterest. Foram escolhidas por uma pesquisa prévia as delimitações do estudo, as edições dos anos de 2005, 2010 e 2015. Efetivamente, foram pesquisadas 19 edições de 2005, 14 edições de 2010 e 15 edições de 2015 escolhidas por meio de amostras intencionais com distância temporal entre os anos para que fosse possível comparar as semelhanças e distanciamentos nos intervalos de tempo. Fica claro que ocorreram mudanças sociais e políticas presentes nestes períodos que serviram de direcionamento na construção das capas e conseqüentemente na análise do conteúdo.

A pesquisa teve como delineamento fontes bibliográficas: artigos científicos e conteúdos similares. A abordagem desempenhada foi qualitativa e quantitativa. Além disso, a interpretação foi com base na técnica de pesquisa Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) o termo designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

As etapas da técnica metodológica da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) se estruturam em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Na primeira etapa, de pré-análise de Bardin (2011), foi realizado a coleta dos dados e a organização do material, esse passo é importante para entender o que está viável na pesquisa, o que precisa ser aprimorado e o que pode ser aproveitado no primeiro momento. Diante disso, a técnica de Análise de Conteúdo direcionou essa pesquisa referente as capas da revista TPM nos anos 2005, 2010 e 2015. Bardin deixa um modelo de etapas que serviram de orientação. Desse modo, foi realizado uma leitura das capas de revistas TPM, após a leitura os documentos foram selecionados para posterior análise, foi constituído o corpus (escolha dos documentos) tendo como referência a sua representatividade e homogeneidade, em sequência foram construídos os objetivos gerais e específicos desta pesquisa, por meio da preparação do material.



A segunda etapa, o método de Bardin refere-se à exploração do material. Nesta fase ocorre a codificação e a categorização do material, ao passo que esta codificação é o agrupamento das capas das revistas de 5 em 5 anos, de onde foram feitas as unidades de registro e unidade de contexto. Na unidade de registro e na unidade de contexto o que foi levado em consideração, refere-se a questão social e política da época que influenciou a estruturação das capas. Continuando com a técnica de Bardin foram feitas as enumerações, que explicam e colocam em ordem o enunciado das capas, após esse passo ocorreu a categorização que significou explicar os critérios semântico, sintáticos ou léxicos.

Na terceira etapa, sucedeu no tratamento dos resultados obtidos nas interpretações, isso significa que foram por meio de inferência a partir da leitura sucedida de categorização temática. De acordo com Bardin (1997, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal, emissor e receptor”. Com a técnica muito difundida por Bardin, a Análise de Conteúdo, essa pesquisa obteve instrumentos capazes de interpretar as capas da revista TPM, seus enunciados que possuem um contexto político e histórico, que se posiciona pelo olhar do feminismo em cada época, entre os anos 2005, 2010 e 2015 representando a sociedade no período expressado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Identificação de temas relacionados às mulheres e feminismo nas capas

Tabela 1 - Títulos das edições de 2005

Mês	Edições 2005	Abordou a mulher e/ou feminismo na capa?	Qual título abordou?
Jan.	N.º 39 (2 edições)	Não	-
Fev.	N.º 40 (2 edições)	Sim	Aborto- duas mulheres que interromperam a gravidez contam seus porquês A menina que nunca aceita um não



Mar.	N.º 41 (2 edições)	Sim	Eu fiz aborto- Penélope Nova, Cynthia Howlett, Vera Zimmermann e Soninha aderem à campanha da TPM pela discriminação já!
Abr.	N.º 42 (2 edições)	Sim	Aborto não é crime- A repercussão e novos fatos esquentam o debate proposto pela TPM Andréa Lopes- A história da primeira surfista profissional do Brasil que viu a cara da morte: “Com a anorexia cheguei aos 39 quilos”
Mai	N.º 43 (1 edição)	Sim	A privada em público- por que as mulheres têm tanta dificuldade de fazer cocô? TPM quebra outro tabu feminino Eu não fiz aborto- A história de Teresa, 49. E Nina, 17 anos, “Eu quase não existi” Adriana Barra- sangue novo na moda: “As mulheres precisam de defeitos para ser lindas”
Jun.	N.º 44 (1 edição)	Sim	Por que ainda precisamos desesperadamente casar? As novas explicações da ciência para esse drama feminino
Jul.	N.º 45 (1 edição)	Sim	Você não acha que estou gorda? O padrão de beleza baseado em modelos esqueléticas como refugiadas da Somália faz milhões de mulheres infelizes e frustradas
Ago.	N.º 46 (2 edições)	Sim	Por que tantas mulheres ainda têm dificuldade para atingir o orgasmo?
Set.	N.º 47 (2 edições)	Sim	Ser ou não ser mãe? A dúvida que você tem, teve ou vai ter, TPM faz um verdadeiro teste de DNA para revelar a origem e as consequências da questão fundamental da mulher
Out.	N.º 48 (2 edições)	Sim	Vende-se felicidade- Por que de cada 5 pessoas em shoppings 4 são mulheres? Por que consumimos tanto em busca de satisfação? Por que é tão difícil resistir a um novo par de sapatos? TPM vai às compras e volta com as respostas
Nov.	N.º 49 (1 edição)	Sim	Por que a gente chora tanto? Um psiquiatra, um oftalmologista, um consultor empresarial e Luana Piovani falam sobre sensibilidade à flor da pele
Dez.	N.º 50 (1 edição)	Sim	Vaidade será que estamos exagerando?



			Páginas vermelhas - Tia Dag, a mulher que está mudando a história de dezenas de favelas e milhares de crianças em São Paulo
Totais	19	SIM: 17 NÃO: 2	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Tabela 2 - Títulos das edições de 2010

Mês	Edições 2010	Abordou a mulher e/ou feminismo na capa?	Qual título abordou?
Jan.	N.º 94 (1 edição)	Sim	A senhorita não gostou? Por que a mulher come menos quando está na companhia de um homem? Páginas vermelhas- Cássia Kiss atropela os tabus e fala de sexo, bipolaridade, drogas, fofoca e bulimia
Fev.	N.º 95 (1 edição)	Não	-
Mar.	N.º 96 (1 edição)	Sim	Papai, eu quero - Enquanto as mulheres trabalham, os pais ficam com os filhos (em Nova York)
Abr.	N.º 97 (2 edições)	Sim	Sem retoque- tranquilas com suas imperfeições, mulheres tiram a roupa para as lentes de Matt Blum
Mai	N.º 98 (1 edição)	Sim	Malhação descontrolada, delírios diet, aditivos anti-idade. Você é vítima das doenças da beleza? Joana de Vilhena Novaes, a psicóloga que estuda paranoias femininas, responde
Jun.	N.º 99 (1 edição)	Sim	Laís Bodansky- A cineasta do fenômeno As Melhores Coisas do Mundo fala sobre casamento, sexo, filhos, depressão e a culpa por não ser uma “supermulher” Vida fácil? As garotas de programa que não se parecem com garotas de programa e cobram até R\$3 mil a hora
Jul.	N.º 100 (1 edição)	Sim	Grazi- como a filha de pedreiro e ex-BBB conseguiu seu espaço na TV sem surtar com a fama
Ago.	N.º 101 (1 edição)	Sim	Eu, fracassada? Você tem 25 anos e mora com os pais? 30 e não foi promovida? 35 e sem casa própria? Como não se perder nesses clichês



Set.	N.º 102 (1 edição)	Sim	Quem paga a conta? Por que falar de grana é tão difícil na vida a dois
Out.	N.º 103 (2 edições)	Sim	Vida de modelo- Magreza, plástica e passarelas: Denise Céspedes, dona da Ford Models, conta sua versão
Nov.	N.º 104 (1 edição)	Sim	A mulher é o novo homem- O mundo está mais feminino ou é a mulher que está mais masculina? Na cadeia- Primeira mulher à frente do sistema carcerário do Rio, Julita Lemgruber defende a liberação das drogas e do aborto e lembra dos seus 11 anos nas prisões
Dez.	N.º 105 (1 edição)	Sim	Fernanda Lima fala de amor e sexo, sexo e amor e desce do salto: “com filho, a gente fica em segundo plano, perna peluda e unha por fazer
Totais	14	SIM: 13 NÃO: 1	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Tabela 3 - Títulos das edições de 2015

Mês	Edições 2015	Abordou a mulher e/ou feminismo na capa?	Qual título abordou?
Jan.	N.º 149 (2 edições)	Sim	Casamento freestyle: a monogamia está em crise? histórias de quem saiu do padrão e experimentou novos arranjos afetivos e sexuais Páginas vermelhas- Sandra Annenberg- “Não sou artista, sou jornalista” a âncora do jornal hoje fala sobre fama e machismo na televisão
Fev.	N.º 150 (1 edição)	Não	-
Mar.	N.º 151 (2 edições)	Sim	Especial bunda- o lado B do Brasil- o que a fixação nacional pela bunda diz sobre o país Páginas vermelhas- Autumn Sonnichsen- a mais surpreendente fotógrafa de nu feminino: “não é



			machista olhar para um corpo e achar bonito. As mulheres que fotografo são donas dos seus corpos, têm autonomia
Abr.	N.º 152 (1 edição)	Sim	Especial peso- dietas, bullying, “corpo perfeito”, programas de TV. Quanto a obsessão pelo peso pesa sobre nossas cabeças?
Mai	N.º 153 (1 edição)	Sim	Páginas vermelhas- Ilona Szabó de Carvalho- quem é a brasileira que virou uma das lideranças mais influentes do mundo na briga por legalização das drogas, desarmamento e redução da violência
Jun.	N.º 154 (1 edição)	Não	-
Jul.	N.º 155 (1 edição)	Não	-
Ago.	N.º 156 (1 edição)	Sim	Especial prisão - por que cada vez mais mulheres são presas no Brasil?
Set.	N.º 157 (1 edição)	Não	-
Out.	N.º 158 (2 edições)	Não	-
Nov.	N.º 159 (1 edição)	Não	-
Dez.	N.º 160 (1 edição)	Não	-
Totais	15	SIM: 7 NÃO: 8	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

4.2 Evolução na representação ao longo do tempo

Foi possível analisar, nas capas da revista TPM, que realmente existiam matérias que abordavam a mulher e o feminismo nos períodos analisados, no entanto, é necessário esclarecer que a revista utilizava as expressões do feminismo e da mulher como uma temática de destaque, mas alternando e/ou mesclando com temas de entretenimento.

Tabela 4 – Edições que abordaram o tema da mulher e/ou feminismo nas capas em 2005, 2010 e 2015



ANO	TOTAL (%)	Abordou manchetes ou destaques com a temática da mulher e/ou feminismo?	
		SIM (%)	NÃO (%)
2005	19	17 (89,5%)	2 (10,5%)
2010	14	13 (92,9%)	1 (7,1%)
2015	15	7 (46,7%)	8 (53,3%)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ao analisar e comparar as capas da revista TPM no período de 5 em 5 anos, nota-se que houve algumas mudanças nas abordagens e discursos. Do ano de 2005 (com o total de 19 edições) para 2010 (com o total de 14 edições), mesmo que o predomínio tenha sido de temas de mulheres e/ou feminismo nos dois anos, viu-se que, em 2005, tiveram destaques temas relacionados ao “aborto”, “consumismo”, “orgasmo” e “maternidade”, enquanto a predominância, em 2010, foi de temas mais diversificados, não apenas em torno do aborto, mas sobre o “empoderamento da mulher” e a “visibilidade feminina”. Nas edições de 2010, notou-se também um aumento de matérias sobre “moda”, “beleza” e “cabelo”.

As capas de 2015 (com um total de 15 edições), por sua vez, apresentaram mudanças mais significativas frente aos anos anteriores. Diminuiu fortemente a quantidade de matérias que falavam sobre a mulher e/ou feminismo, apenas sete edições tratando destas temáticas frente a outras oito edições que não abordaram. A predominância de 2010 foi de manchetes sobre temas relacionados a “imagem pessoal da mulher”. 2010 foi o ano com o maior índice de matérias especiais, que abordavam temas como “peso”, “disrupção”, “vergonha” e “prisão”, além das três edições sobre “moda”. Foi possível perceber, por meio das tabulações do estudo, que a maioria das capas traía atores globais (contratados pela Rede Globo de Televisão) e de pessoas que estavam em evidência na mídia naquele período.

É compreensível que a revista era influenciada pelas questões que a sociedade enfrentava para a época, mas, pensando no todo analisado, vê-se que a TPM possui uma preocupação também com um público eclético que consumia produtos mais leves do cotidiano, em busca de garantir seu espaço no mercado do entretenimento. A TPM apresentou nos períodos analisados uma abordagem não linear, ou seja, as matérias eram das mais diversas possíveis, desde passeios de pessoas famosas, nudez, moda, beleza, até aborto, por exemplo. Os assuntos, no entanto, que realmente se direcionavam à mulher e/ou ao feminismo



possuíram uma visibilidade mediana nos 3 anos analisados, visto que, em 2005, foram recorrentes, mas, em 2010, e, principalmente, em 2015, foram sendo menos frequentes.

Tabela 5 – Temáticas predominantes nas manchetes das capas da revista TPM de 2005, 2010 e 2015

	2005	2010	2015
Número de edições no ano	19	14	15
Temáticas predominantes em cada edição	<ul style="list-style-type: none">• Consumismo• Entretenimento• Aborto• Aborto• Aborto• Aborto• Aborto• Aborto• Aborto• Aborto• Casamento• Padrão de beleza• Orgasmo• Orgasmo• Maternidade• Maternidade• Consumismo• Consumismo• Sensibilidade• Vaidade	<ul style="list-style-type: none">• Insegurança• Imagem pessoal• Independência das mulheres• Empoderamento feminino• Geração mulher• Beleza• Tabu feminino• Visibilidade feminina• Clichê feminino• Comportamento da mulher• Visibilidade feminina• Imagem pessoal• Empoderamento feminino• Maternidade	<ul style="list-style-type: none">• Visibilidade feminina• Casamento• Comportamento• Imagem pessoal• Imagem pessoal• Imagem pessoal• Comportamento da mulher• Vergonha• Amor• Prisão• Utopia• Relacionamento amoroso• Relacionamento amoroso• Consumo• Corrupção

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Ademais, é oportuno dar créditos à TPM pelas matérias com assuntos polêmicos, fortes, inquietantes, conflitantes, que abordavam o posicionamento do movimento feminista, não só no Brasil, como no mundo. De fato, a responsabilidade que a revista possui de mostrar os assuntos de forma crítica e com poucos paralelos no mercado editorial brasileiro é inquestionável. Nesse sentido, a revista poderia manter, independente do tempo transcorrido, os assuntos ligados ao feminismo e as mulheres entre os enfatizados como temas mais recorrentes.

Na contramão disso, porém, de 2005 até 2015, verificou-se declínios substanciais em determinadas temáticas, ou seja, as matérias sobre mulheres e o feminismo foram diminuindo e os assuntos do cotidiano ou “mais leves”, aumentando. Esse espaço em desequilíbrio abriu



caminhos para assuntos atrativos ao comércio da revista, porém, com redução do foco editorial apresentado em 2005, por exemplo. Logo, falar da mulher e do feminismo é mostrar, sim, multivertentes temáticas com a clara e ampla possibilidade de quebra de paradigmas, mas, no caso das edições analisadas em três diferentes anos, notou-se a substituição de temáticas mais reflexivas para as mulheres e o feminismo por temas menos relevantes para tais discussões.

CONCLUSÃO

Houve uma mudança na revista TPM que surge com o caráter de explorar desde sua criação, editorial que defende causas como a legalização do aborto no Brasil, igualdade salarial entre homens e mulheres, discriminação das drogas, liberdade sexual, inserção de mulheres na ciência e na política, se sentir bem com o próprio corpo. Diante disso, por meio das análises das capas, a revista enfraqueceu esse posicionamento, principalmente quando foi analisado o período de 2015, em comparação com 2005 e 2010.

A revista TPM se posiciona como uma voz midiática relevante para assuntos de suma importância para este universo da mulher, pois ela utiliza sua posição como veículo de informação, e suas matérias, para explorar a capacidade da comunicação de criar um espaço crítico. No entanto, com o passar dos anos, a TPM expôs uma fragilidade em suas matérias de se manter nesse posicionamento crítico típico do feminismo, optando em criar, editorialmente, um ambiente para assuntos diversos e que pode refletir que a revista tinha como uma das principais metas explorar o mercado pelo viés do entretenimento. Salienta-se que a maneira que as matérias foram abordadas, principalmente com o passar do tempo analisado, provavelmente reduziram sua contribuição informativa e formativa aos assuntos do feminismo e das questões atreladas às inquietações das mulheres.

O estudo sobre a revista TPM sugere - o que é merecedor de novas investidas de pesquisas não alcançadas nesta pesquisa - que a revista frustrou, com o passar dos anos, a parcela de suas leitoras que buscava, no foco de suas manchetes e destaques, assuntos mais enfatizados quanto ao feminismo. Salienta-se, contudo, que a análise aqui desenvolvida se restringiu ao teor das capas, de modo que recomendamos outros estudos mais aprofundados, por exemplo, no teor das páginas internas e/ou na composição do corpo editorial, para que possa ser compreendidas as alterações provocadas na publicação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Jornalismo de revista: um olhar complexo. Nº 13, V 7 | jan/jun, 2013.

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos. Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015. In: BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. Editora Ática, 1990, p. 03.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. Editora Ática, 1990.

COLBACHINI, Marina Lee. Quando Ciência e Cultura são uma pauta só. 2010.

FRAISSE, Geneviève. Muse de la raison: la démocratie exclusive et la différence des sexes. Paris: Gallimard. 1989.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KNECHTEL, M. R. Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

LUSTOSA, E. O texto da notícia. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MANDAJI, Carolina Fernandes da Silva. SOUZA, Maurini de. TERHAAG, Priscila. Discursos do feminino na contemporaneidade: revista TPM. 2016, p. 103-109.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

NARVAZ, Martha Giudice. KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudo de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. V. 11, N. 3, p. 648, set./dez. 2006.

NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursiva em veja e manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

OFFEN, Karen. Defining Feminism: A Comparative Historical Approach. Signs, vol. 14, nº1, 1988.



ORLANDI, Eni P. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de: Orlandi, E. P. et al. Campinas: Unicamp, 1988.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder*. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 16, jun. 2010.

REVISTA TPM, jul. 2013.

REVISTA TRIP. UOL

SARINGER, Giuliana. CUNHA, Juliana. GONZALEZ, Mariana. GROHMANN, Rafael. *Revista TPM: Tentativa de Reconstrução da Representação Social Feminina*. Rio de Janeiro, 2015.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. Editora Contexto, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1994.

TABAK, Fanny (1985). *A Década da Mulher como forma de participação e pressão política – Avaliação e Balanço*. Trabalho apresentado na IX Reunião Anual da ANPOCS, GT Mulher e Política.

TAKO, Karine Vaccaro. KAMEO, Simone Yuriko. *Metodologia da pesquisa científica [livro eletrônico]: dos conceitos teóricos à construção do projeto de pesquisa / organização—* Campina Grande : Editora Amplla, 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

WALKER, Rebecca. *Becoming the Third Wave*. Ms. 1992.

ZIRBEL, Ilze (2007). *Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil*. (Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). Recuperado de: https://www.academia.edu/3598911/Estudos_feministas_e_estudos_de_g%C3%AAnero_n_o_Brasil.

ZIRBEL, Ilze. *Ondas do Feminismo*. V.7, N. 2, 2021.